

A. BENTUÉ (ed.), *L'Església que és a Amèrica. Literatura Teològica Llatinoamericana 1968-1992. Catàleg*, Barcelona: Edicions de la Facultat de Teologia de Catalunya, 1993, 763 pp., 23,5 x 17 cm. ISBN 84-86065-31-3

Por ocasião dos 500 anos de evangelização da América Latina, a Faculdade de Teologia da Catalunha em colaboração com a Faculdade de Teologia da Universidade Católica do Chile, entre outras iniciativas para "conhecer a Igreja que está na América Latina", fizeram este levantamento bibliográfico. O trabalho quer ser o reconhecimento à Igreja da América Latina pela sua palavra própria no âmbito da reflexão teológica.

O período é delimitado entre a conferência geral do episcopado em Medellín e a de Santo Domingo. Tarefa nada fácil que exigiu dois anos de trabalho. Como estabelecer, nessa imensa geografia que é a América Latina, critérios para o levantamento dessas fontes? Mesmo em cada país o acesso é difícil e os resultados parciais.

As áreas escolhidas são fundamentalmente teológicas (bíblia, dogmática, história da Igreja, pastoral, catequese, espiritualidade e moral) e das ciências sociais vinculadas à reflexão teológica. Os países são apresentados por ordem alfabética. A escolha de autores procura manter um pluralismo representativo das diferentes tendências teológicas e da realidade plural da mesma Igreja. Encontram-se também alguns dos textos mais importantes do magistério do continente, assim como publicações de autores e temas latino-americanos pelas editoras da Espanha e de autores europeus ou norte-americanos sobre a América Latina.

A seleção pretende ser representativa, mas não sendo nem podendo ser exaustiva, a bibliografia perde um pouco da sua utilidade e confiabilidade. Em parte pela dificuldade de ter acesso à totalidade de publicações de cada país, mas também porque é difícil ver com clareza quais foram os critérios que orientaram a seleção. Os países mais representados são o Brasil (151 pp.), o Chile (92 pp.), a Argentina (84 pp.) e a Colômbia (62 pp.). Países de reconhecida produção teológica como o México e o Peru apenas passam de 30 pp., Cuba tem uma página e El Salvador duas. A produção teológica do Equador está representada por nomes como J. Comblin, S. Galilea, C. Bravo, L. Maldonado, M. Marzal, V. Codina, J. L. Caravias, C. Mesters, J. Mateos, M. Schwantes e P. Suess. Simplesmente porque têm obras traduzidas nesse país? Ao procurar o nome de J. L. Segundo no Uruguai nos deparamos com uma surpresa: dos 15 títulos dele recolhidos na bibliografia, 8 figuram na Argentina (porque o editor foi C. Lohlé?), 5 no Brasil, 2 na Espanha e o último (n. 4212) não existe. Onde foram parar as publicações de I. Ellacuría e J. Sobrino que só figuram com um título cada um no elenco de El Salvador?

Dois erros tipográficos mais notáveis: do n. 4188 (último título da República Dominicana) se passa ao n. 4220 (primeiro do Uruguai). A lista de nomes de 162 revistas, anunciada na p. 10, não aparece em lugar nenhum. São erros, por outro lado, quase inevitáveis em um tipo de publicação como esta. Em resumo: o mérito desta compilação é dar a conhecer ao público espanhol uma bibliografia significativa da teologia latino-americana. Mas como instrumento de trabalho para um estudo de campo não será de grande ajuda.

C.P.

*Signos de identidad solidaria. Testimonios de la Iglesia en América Latina 1988-1992*, Lima: CEP, 1993, 408 pp., 20,5 x 19,5cm.

O Centro de Estudos e Publicações de Lima, Peru, vem-nos brindando com excelentes seleções de textos sobre a vida da Igreja no nosso continente. Este já é o 6º volume que reproduz documentos entre os anos 88-92. A PT já registrou em suas páginas alguns dos anteriores [PT 16 (1984) 140; 21 (1989) 407-408].

Aqui estão cem documentos de natureza eclesial, cujos autores são comunidades cristãs, episcopados nacionais, algum bispo ou sacerdote determinado, resultados de encontros de congregações religiosas, movimentos apostólicos e leigos, acontecimentos eclesiais.

O tema dos 500 anos do início da primeira evangelização com todas suas ramificações excede entre outros. Alguns sinais emergem novos ou reforçam a caminhada da Igreja do continente, tais como: o fortalecimento das CEBs, a defesa dos direitos humanos até o martírio, a presença protagônica dos pobres indígenas e negros, das mulheres e dos jovens, o clamor por nova ordem internacional político-econômica que respeite a ética, a distribuição equitativa dos bens e os novos caminhos da paz.

O artigo introdutório é da lavra de G. Gutiérrez, onde ele reafirma o esperançoso, ainda que ambivalente, fato da emergência do pobre como sujeito no cenário da história política e eclesial. Tal presença vem tentando responder a novas e mais difíceis situações de pobreza e opressão. Emerge nos documentos a consciência da necessidade de solidariedade em resposta ao crescente processo atual de exclusão, submetido à seriedade de análises sócio-estruturais e culturais. Neste contexto de sangue e morte, as comunidades cristãs se fazem sensíveis aos sinais de vida, que brotam como dom de Deus e resposta dos homens e mulheres do continente.

Os documentos selecionados são organizados em oito capítulos por critério temático. Um primeiro grupo exprime o grito pela vida e pela terra da parte dos indígenas e negros. Estes últimos, embora com número menor de documentos, já marcam presença significativa em nossas igrejas.

Um segundo capítulo dedica-se a colher vozes que se referem às mulheres e aos jovens, que surgem na Igreja com novo e original vigor.

Um terceiro grupo de documentos recolhe os testemunhos sobre nossos mártires: camponeses, indígenas, catequistas, agentes de pastoral, mulheres, religiosos, líderes populares, sindicalistas, sacerdotes, bispos, etc. Enfim eles vêm de todas fileiras da Igreja.

O quarto capítulo retoma textos de caráter doutrinal sobre as CEBs e relatos de cunho popular das experiências das CEBs e de intercâmbio entre elas.

Um quinto bloco agrupa questões concernentes aos direitos humanos no sentido da promoção da vida e da defesa da justiça.

O sexto capítulo gira em torno da relação entre a Igreja e a sociedade. Capítulo mais longo. Aborda questões referentes a situações eleitorais e mais diretamente a respeito da fraude eleitoral, à justiça e paz, à solidariedade cristã, à dívida externa, ao narcotráfico, à identidade nacional, ao mundo do trabalho, ao imperialismo do dinheiro, à nova ordem social, etc.

O penúltimo capítulo reúne textos respeitantes à busca de caminhos de justiça e paz diante de situações de terrorismo, violência, droga, de maneira responsável e esperançosa.

Para concluir, contemplam-se textos de espiritualidade para nossos dias, ligados a celebrações.

Um índice indicando o tema central de cada documento e outro por países facilita o uso do material.

As nossas comunidades podem encontrar nesse livro material rico e abundante para suas celebrações e encontros. Sente-se pulsar neles a vida da Igreja do nosso continente no que ela tem de mais sadio, original e exemplar. O livro presta-se mais a ser fonte documental que objeto de leitura cursiva. E como fonte serve para alimentar a vida da Igreja, já que brotou de sua seiva vital.

JBL

INSTITUTO BARTOLOMÉ DE LAS CASAS (org.), *Las Casas entre dos mundos*. Congreso Teológico Internacional. Lima, 26-27-28 de agosto de 1992, Lima: CEP, 1993, 433 pp. 21 x 14 cm. Coleção Bartolomé de Las Casas, 4. Co-edición: Instituto Bartolomé de Las Casas, Lima.

No ano do quinto centenário do que se convencionou chamar de “descobrimento da América”, o Instituto Bartolomé de Las Casas, de Lima, promoveu um Congresso Internacional sobre a vida e obra de seu patrono, sem dúvida a figura mais significativa do episcopado latino-americano do tempo colonial e de todos os tempos, que, melhor que ninguém, soube pôr o dedo na chaga do que significava o “descobrimento” e a colonização. O presente volume reúne as palestras e painéis apresentados nessa ocasião, além dos discursos da sessão solene inaugural (11-24).

O volume está dividido em três partes. A primeira se intitula “Evangeliização e teologia em Bartolomé de Las Casas” e reúne palestras que se dedicam mais ao pensamento e personalidade de Las Casas. *Gustavo Gutiérrez* (27-46) que em seu pensamento e em sua ação muito se inspirou em Las Casas, oferece-nos a bela reflexão “Memória de Deus e teologia”. O título se inspira na frase de Las Casas: “Do mais pequenino e do mais esquecido Deus tem memória muito recente e viva” (citado à p. 27). A conferência mostra como o testemunho e a reflexão de Las Casas mostra com precisão o que estava em jogo na gesta colonizadora: “a vida e a morte dos habitantes das Índias” (46).

*Ramón Hernández* (47-74) tenta conciliar Francisco Vitória e Bartolomé de Las Casas, os dois famosos dominicanos em geral considerados “personagens antitéticos” (64). Uma primeira parte investiga as citações que Las Casas faz de Vitória; a segunda procura descobrir o que Vitória aprendeu de Las Casas sobre a problemática das Índias; a terceira, que o próprio autor considera “um tanto atrevida”, busca vestígios de “lascasianismo” no pensamento de Vitória.

*Ángel Barreda* (75-110) pesquisa a concepção de Las Casas sobre a evangelização da América. A forma de Las Casas aproximar-se do índio, como um ser humano explorado, determina seu ideal de uma evangelização pacífica. O autor quer que se entenda “Las Casas” como um coletivo para “os dominicanos”.

O uso da Bíblia em Las Casas é o tema de que se ocupa, *Eduardo Frades Gaspar* (111-140). Evidentemente não se pode esperar uma exegese crítica em Las Casas, mas seu mérito e sua lição para hoje consiste em ter usado a Bíblia com o mesmo Espírito que a inspirou, ou seja: com sensibilidade ao grito dos oprimidos.

*Helen Rand Parish* (141-149) apresenta um resumo de suas pesquisas históricas em arquivos da Europa e da América. Defende Las Casas das calúnias mais difundidas sobre ele: de ser o iniciador da chamada “lenda negra” que acusa a Espanha de horrores no processo de conquista e de ter promovido a escravidão dos africanos para livrar os índios dessa desgraça.

*Juan Bautista M. Lassègue Molères* (151-176) estuda como Las Casas aborda em seu testamento a questão do consenso dos povos indígenas como necessário para legitimar a posse das novas terras pelos reis da Espanha.

*Alain Milhou* (177-205) apresenta Las Casas como profeta de seu tempo e para nosso tempo por seu posicionamento radical pela justiça e sua esperança de uma sociedade cristã sem exploradores nem explorados.

A segunda parte, “Das Índias à América”, talvez pudesse ser compendiada como a história da influência (*Wirkungsgeschichte*) de Las Casas. Primeiramente dois trabalhos de *Rolena Adorno* (210-223) e *Alberto Maguiña* (224-234) estudam a influência de Las Casas sobre a obra de Guamán Poma de Ayala.

*José Oscar Beozzo* (235-263) analisa o interessante “Diálogo da conversão do pagão”, da autoria do Pe. Manoel da Nóbrega, a única obra que debate a empresa missionária portuguesa no Brasil. Ela chega à conclusão oposta a Las Casas: a única forma de evangelizar os índios é com o uso da força.

*Pedro Trigo* (265-293), partindo das perguntas de Montesinos em seu famoso sermão de Advento, estuda as razões que impediram o reconhecimento dos indígenas em sua humanidade e alteridade. As perguntas que Montesinos fazia outrora aos colonizadores espanhóis, deviam ser feitas hoje aos ocidentais (sejam latino-americanos ou não). Conclui que, por mais que se procure inculcar aos povos latino-americanos que não são homens e, portanto, nenhum vínculo os obriga para com seus semelhantes, as maiorias populares seguem criando cultura ou persistindo em suas culturas originais.

Concluindo esta parte, um painel aborda o pensamento de Las Casas em sua aplicação ao Peru colonial e aos problemas da evangelização (295-339).

A terceira parte, "Encontros e desencontros", recolhe os textos de outros dois painéis. O primeiro (343-376) reflete a partir do pensamento lascasiano sobre o passado e o presente do mundo andino; o segundo (377-429) aborda, numa perspectiva interdisciplinar, a questão dos 500 anos.

A lista de autores, com uma breve ficha pessoal, encerra o volume (431-433).

Esta obra é, pois, uma fonte muito rica para o estudo do pensamento e influência do grande dominicano bispo de Chiapas que bem mereceu o título de "defensor dos índios" e cujo pensamento continua muito atual.

*F.T.*

R. VALLE-CI. BOFF, *O caminhar de uma Igreja nordestina. Avaliação pastoral da diocese de Picos*, São Paulo: Paulinas, 1993, 103 pp., 18 x 12,5 cm. Coleção Perspectivas Pastorais, 2.

O Instituto Nacional de Pastoral lançou esta coleção Perspectivas Pastorais como espaço para o debate das realidades pastorais da Igreja no contexto da sociedade brasileira, sem caráter oficial. Intenta provocar reflexões em vista da ação pastoral. Este segundo volume trata do resultado de uma pesquisa que a assessoria do ISER (Instituto de Estudos da Religião) do Rio organizou a pedido da diocese de Picos no Piauí. Durante um pouco mais de um ano fez-se a pesquisa dentro dos padrões científicos que o analista sócio-religioso, Rogério Valle, domina com excelência, permitindo assim percepção realista e objetiva da situação. R. Valle caracteriza a Igreja de Picos como em transformação por causa da migração do campo para a cidade, com tudo o que isso significa em termos culturais e religiosos: busca de possibilidades de estudos para os filhos, mudanças nos costumes e valores máxime entre os jovens, recuo do racismo, evolução da situação da mulher, etc.

Apesar de forte, o Catolicismo Popular Tradicional, com os traços de romanização na Igreja local, sofre grande transformação por causa do impacto da secularização, do pentecostalismo e da nova leitura da Bíblia das comunidades de base católicas. O estudo das comunidades de base merece aprofundamento, especialmente em relação à sua estrutura interna. R. Valle salienta a

importância do papel da "capela" na sua criação, que, porém, decresce a partir da década de 60 em benefício da pessoa do agente externo. Conclui que depois de 64 foram introduzidas, nas comunidades, atividades absolutamente originais em relação ao Catolicismo Popular Tradicional, ligadas a um novo modo de ser Igreja. Os itens seguintes da pesquisa estudam precisamente o rosto deste novo modo de ser Igreja no nível da comunidade e de toda a diocese. Continua o estudo analisando a ação desta Igreja na sociedade, a sua motivação, terminando com uma avaliação final.

Como estudo de caso, temos excelente trabalho. Serve também para entender outras situações que tenham semelhanças com esta e aponta, sob certo sentido, rumos do novo modo de ser Igreja.

Clodovis Boff, em texto bem mais curto, indica os nós pastorais desta Igreja de Picos. Com sua mente clara, precisa e bem organizada, ele enumera dois blocos de nós: um que se refere à construção da comunidade eclesial (ad intra) e outro que diz respeito ao serviço ao mundo (ad extra).

Este tipo de estudo ajuda muito a ir construindo do pequeno, do concreto vivido, uma nova eclesiologia. Esta já existe na vida. Falta-lhe ainda o arcabouço teórico explícito. Serviço que analistas sociais e teológicos podem prestar. Tanto R. Valle como Cl. Boff, ambos extremamente competentes em seus respectivos ramos, iniciam já este trabalho a partir da pequena e pobre diocese de Picos

JBL.

R. ANTONCICH, *Temas de Doutrina Social da Igreja*, São Paulo: Loyola, 1993, 54 pp., 20,8 x 13,8 cm. Coleção Teologia da Libertação — Comentários, 11. ISBN 85-15-00775-4

Este pequeno livro são apontamentos de um curso sobre Doutrina Social da Igreja (DSI) e que servem, portanto, para essa finalidade. Duas qualidades caracterizam-no: clareza e didática. Diversas vezes, o A. ilustra seu pensamento com gráficos, pequenos desenhos. Este recurso didático ajuda mais quando o tema é explicado oralmente. No texto escrito, nem sempre o leitor tira o mesmo proveito.

Os aspectos da DSI trabalhados giram em torno de sua importância, da missão da Igreja nesse campo, das ideologias, da opção pelos pobres, das questões levantadas pelo marxismo, da propriedade particular, do conflito, dos métodos de análise da realidade, da alienação religiosa. Em todos estes pontos o A. articula bem a DSI com as intuições fundamentais da teologia da libertação.

No estilo simples de apontamentos, o A. passa uma posição equilibrada sobre as questões acima indicadas. Serve de material de estudo em grupo, sobretudo para quem quiser iniciar-se nessa problemática. Teria sido mais proveitoso ainda, se o A. tivesse indicado para cada questão uma bibliografia complementar, já que trata os assuntos de modo muito conciso e introdutório.

Muitas pessoas estão à cata de material para estudos em grupo ou para elaborar cursos didáticos. Este texto serve muito bem a estas finalidades.

JBL

J. THIELE, *Una tierra para el placer de vivir*. La salvaguardia de la creación. Tradução (do alemão) Víctor A. Martínez de Lopera. Barcelona: Herder, 1994, 169 pp., 20 x 12 cm. ISBN 84-254-1842-9

Este livro responde a dois propósitos: reflexão atualizada e inspiração bíblica. O tema é super-atual: criar uma atitude ecológica, uma mentalidade de respeito à terra, com a respectiva conversão de nossa atitude depredadora. A fonte inspiradora é a Escritura.

O A. com excelente conhecimento bíblico transmite a mensagem da Escritura sobre a profunda imbricação entre criação e libertação, sobre a santidade da terra, sobre a nova criação, sobretudo a partir do Dêutero-Isaías. Trata-se de uma leitura espiritual atualizada da mensagem bíblica, sem o peso do aparato exegético, mas aproveitando bem de seus resultados.

O livro serve como matéria para leitura espiritual e meditação mais que para estudo. Há páginas muito bonitas, como a reflexão sobre Shalom, a paz na visão bíblica, sobre a justiça de Deus, sobre a imagem do Deus bíblico, etc. Não estão ausentes o horizonte do compromisso social com os pobres, nem a crítica ao modelo moderno de destruição da natureza por parte da razão instrumental, nem uma referência à morte social da vida sem sentido.

O A. insiste fortemente no contraste entre a visão bíblica da criação, da natureza, da imagem dum Deus que prefere o pobre, o mais fraco, e a sociedade moderna capitalista, consumista, do desperdício, ciosa do poder e do prestígio. O livro é uma provocação à conversão em profundidade desde a revelação bíblica.

Algumas citações breves, outras mais longas, muito bem escolhidas e belas, enriquecem o texto, dando-lhe mais vida. Enfim, é um livro que faz bem espiritualmente. Bem escrito literariamente, sem pretensões científicas ou de originalidade.

JBL

P. EICHER, *Hay una vida antes de la muerte*. Reflexiones bíblicas. Tradução (do alemão) A. M. de Lopera. Barcelona: Herder, 1993, 256 pp., 20 x 12 cm. ISBN 84-254-1819-4

Este livro passeia entre dois gêneros literários, de modo que se torna difícil classificá-lo. Tem algo do que antigamente se chamava de "pontos para a meditação". Tratava-se de considerações espirituais, em geral, baseadas sobre textos bíblicos, que ajudavam a meditação. Ele oferece de fato elementos bíblicos e outros tipos de pequenos fatos que permitem uma meditação. Às vezes, porém, assume um estilo mais objetivo e científico, de maneira que o texto se presta menos à oração e permanece no nível informativo.

Os temas escolhidos são realmente atuais e interessantes. O leitor é confrontado, na sua vida pessoal, por experiências fundamentais, como nascimento, matrimônio, as crianças, o esporte, fatos da vida, exemplos do passado, testemunhos de pessoas, etc.

Cada capítulo é breve. Espera-se do leitor, não uma leitura cursiva e direta, mas leituras por gotas pequenas. Os temas são por demais dispersos, de modo que não há uma unidade que atravesse o livro. Nem mesmo os quatro grupos de assuntos a modo de capítulo guardam uma unidade facilmente perceptível.

Se alguém está interessado em reflexões originais e dados novos sobre os assuntos, pode-se frustrar. Há, sem dúvida, intuições e toques originais, bem elaborados. Predomina um estilo insinuante que leva o leitor mais à reflexão pessoal que ao mero aprendizado de dados novos teóricos.

O autor é formado, em nível de doutorado, em filosofia e teologia. Ensina teologia na faculdade teológica católica de Paderborn. Leigo, casado com cinco filhos. Contribuiu no Dicionário de Conceitos teológicos, publicado pela Herder.

Esta sua condição de leigo, pai de família, dá a seu escrito um traço concreto e bem plantado na realidade. Em certo sentido, pode-se considerar este livro como um conjunto de homilias feitas no interior da família, como ele mesmo sugere no final do livro.

O estilo e o método do livro aproximam-se algo dos nossos círculos bíblicos, só que a problemática refletida corresponde a outro universo existencial e cultural, ainda que faça muitas alusões ao nosso contexto. Há bela meditação sobre Oscar Romero, outra em que cita um fato acontecido com Cl. Boff em que uma mulher morrendo de fome foi comungar para matar a fome com a pequena hóstia. O epílogo retrata vivências acontecidas no Brasil, narradas por Lisette Eicher.

O triângulo hermenêutico de C. Mesters se realiza muito bem nessas reflexões, já que o texto bíblico vem iluminar dado pré-texto de vida num contexto de vida de fé.

A beleza do livro consiste em que o A. sabe fazer reflexões pessoais bonitas e profundas, de caráter espiritual e existencial, desde as coisas mais simples da vida, de obras de arte, de textos de literatura, de exemplos e testemunhos de vida.

Num mundo muito seco e desejoso de reflexões carregadas de Espírito, este pequeno livro traz sua contribuição, e o leitor poderá encontrar nele gratificantes momentos de alento espiritual.

JBL